



CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES  
REVISTA

## CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES

REVISTA

N.º 15

Novembro de 1970

Director:

FRANCISCO DO VALE GUIMARÃES

Subdirector:

MANUEL MACHADO

Chefe de Redacção:

JOÃO ALFAIA

Assistência Artística:

MATTOS E SILVA

EDIÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DOS CTT

Av. da Praia da Vitória, 48, 1.º-Esq. — Tels. 5 40 52/3  
LISBOA - 1

Composição e Impressão:

Ramos, Afonso & Moita, Lda. — Lisboa

### VER NESTE NÚMERO:

O CORREIO E A VIDA, por Manuel Graça ... ..	1
RELAÇÃO JURÍDICA DE EMPREGO PÚBLICO E RELAÇÃO JURÍDICA DE EMPREGO PRIVADO, por João Alfaia ... ..	2
CULPA, DOLO, CASO FORTUITO E DE FORÇA MAIOR, por Armando Couto ... ..	6
O PROBLEMA DA HORA, por José Braz Machado ... ..	9
NOTAS SOBRE A CONSERVAÇÃO DAS INSTALAÇÕES INTERIORES DE TRANSMISSÃO, por A. F. Leitão Teixeira ... ..	14
PARA UMA DOTAÇÃO RACIONAL DE GUARDA-FIOS, por M. R. Silva Delgado ... ..	21
PAGELA DAS EMISSÕES DE SELOS ALUSIVAS AO I CENTENÁRIO DO LANÇAMENTO DO CABO SUBMARINO	24/25
REVISTA DAS REVISTAS ESTRANGEIRAS ... ..	25
MESTRE MARTINS BARATA	
O HOMEM E O FUNCIONÁRIO, por Manuel G. Graça	28
O ARTISTA, por Eduardo Serrão ... ..	30
O VALOR EXPRESSIVO DAS PALAVRAS E A TÉCNICA DO TELEGRAMA, por Aida Faria ... ..	34
DESENVOLVIMENTO DAS TELECOMUNICAÇÕES ... ..	36
ORIGEM DA PALAVRA TELEFONE, por Batalha Gouveia	37
EVOCANDO JOSÉ RÉGIO, por Maria E. de Figueiredo	39
TELÉGRAFO E POESIA, por Vítor Coelho ... ..	43
PÁGINA MUSICAL, por João Alfaia ... ..	44
ARTISTAS DOS CTT — Rosário Silva ... ..	48/49
RECREIO ... ..	49

CAPA: Luís Gomes da Mata, 5.º Correio-Mor — 1606/1607. Inicia a linhagem dos Matas e a respectiva sucessão no cargo de Correio-Mor.

Executada por Mirandela & C.ª (Irmão), sobre retrato a óleo pertencente aos CTT.

pelo Eng.º Manuel Graça

Director dos Serviços Industriais

UPU publica o «Memorandum sobre o desenvolvimento económico e social», da CCEP (Comissão Consultiva dos especialistas, não deixam de conter uma série de considerações e elementos de referência ao Memorandum.

forma mais expressiva a minha intenção de fidelidade, os primeiros períodos de apreço.

ou transcendente. Mas depois da sua direção: «nunca tinha pensado nisto».

, os que, no nosso planeta ignoram a quando súbitamente falham os serviços a importância do papel que desempenha.

aja a sua eficácia, sejam quais forem a assiduidades que levem a recorrer aos seus profundamente nos nossos hábitos que o se repete maquinalmente. Esta instituição assumir, progressivamente, a aparência de cada um. A sua presença presente por realizações materiais especta-

não diremos a desinteressar-se, mas, pelo que o escoamento do tráfego postal acarreo é como a presença do oxigénio no ar: **que é imprescindível à vida.»**

# Mestre MARTINS BARATA

Como é do conhecimento dos nossos leitores, a morte levou-nos Mestre Martins Barata, que durante mais de duas décadas foi o Consultor Artístico dos CTT.

Não pode a nossa revista deixar de assinalar a triste ocorrência nas suas colunas, que muito se honraram com a colaboração do querido Mestre.

pelo Eng.º Manuel G. Graça

Director dos Serviços Industriais

## O HOMEM E O FUNCIONÁRIO

**E** julgo ninguém mais indicado, de entre todos os funcionários dos CTT, do que eu para lhe fazer a merecida referência. Creio que fui aquele que mais íntima e continuamente com ele colaborou na tarefa de pôr a circular todas as emissões filatélicas saídas desde 1947.

Desta longa — e afinal tão breve — convivência, resultou um conhecimento da sua excepcional personalidade que só não direi ser perfeito porque a riqueza do seu espírito era fonte inesgotável de surpresas e novas sensações.

Não sei qual das suas virtudes e qualidades mais me terá impressionado, pois todas elas se revelavam com igual vigor nas ocasiões que propiciavam a sua manifestação.

Era um homem modesto, direi mesmo humilde. As suas opiniões, sempre abalizadas, eram apresentadas de forma a dar-nos a impressão de que nos pedia desculpa de as emitir. A sua cultura, dum ecletismo extraordinário, assombrava por insuspeita e cativava pela maneira delicada como era exibida.

Mas estas qualidades de forma alguma impediam que fosse intransigente e reagisse com vigor — com violência, mesmo — sempre que tivesse de combater o erro e defender a verdade. Este era, talvez, o seu mais vincado atributo: o amor da verdade. Na vida profissional esse traço da sua personalidade traduzia-se pela busca, por vezes exaustiva, da autenticidade. Não se cansava de desfazer e refazer trabalhos, inúmeras vezes, só pela simples incerteza de determinado pormenor não corresponder à verdade histórica, ou etnográfica, ou arquitectural.

E isto, que a si próprio exigia, o impunha, com igual obstinação aos outros. Quantas vezes não vi artistas, cujos trabalhos tinham de ser por ele apreciados, saírem do seu gabinete desalentados, desiludidos e, alguns, irritados, em consequência da crítica impiedosa, embora sempre delicada, a que submetia esses trabalhos! A quantos não ouvi renunciar ao encargo, afirmando a sua incapacidade! No entanto, a extrema bondade do Mestre e o conhecimento profundo que tinha da sua arte, acabavam por os alentar e convencer a prosseguir. E levavam todos, por fim, a venerá-lo e a tornarem-se seus amigos.

Dentre os muitos exemplos que poderia apresentar escolho aquele que se me afigura o mais significativo.

O pintor Cândido da Costa Pinto é, hoje em dia, e em minha opinião, o nosso melhor desenhador de selos, não só pelas virtudes da sua arte, como também pelo conhecimento profundo das artes gráficas. Iniciou a sua colaboração nos CTT em 1949 com o desenho para a emissão comemorativa do 75.º Aniversário da União Postal Universal. De então para cá foi o autor dos 53 desenhos de 26 emissões, quatro das quais ainda inéditas no momento em que escrevo.

Nos começos dessa colaboração as suas relações com o Consultor Artístico foram bastante difíceis pela frequência de choques de opinião muito acalorados, por vezes violentos. Com o andar do tempo Costa Pinto acabou por reconhecer que Martins Barata respeitava com o maior escrúpulo, religiosamente, a liberdade de concepção e realização dos artistas chamados a trabalhar



Batalha dos Atoleiros  
Palácio da Justiça de Fronteira

para os CTT, só não transigindo com esquivas à autenticidade, ou com processos que ele sabia serem impróprios e condenáveis pelas exigências das artes gráficas.

E foi o próprio Costa Pinto que, ao dar-me as condolências pela morte do querido companheiro de trabalho, escreveu as palavras que, com sua autorização, a seguir reproduzo e que revelam o formosíssimo espírito do seu autor:

«Deixou uma obra importante, mas que nunca o satisfiz. E penso que foi um grande mal para o nosso país que não tenha deixado, pela pena, que tão admiravelmente manejava, a contribuição à Cultura e ao esclarecimento das Artes e de certos Ofícios, que podia ter legado a Portugal. Além do seu grande talento de Artista, era realmente iluminado por vasta e séria cultura, e grande experiência prática, que o situava numa posição ímpar entre os Artistas (e por isso era muitas vezes olhado com desagrado pelos superficiais e os irresponsáveis). Quem o conheceu de perto, como nós tivemos o privilégio, sabia

quanto a base cultural séria é fundamental para o comportamento moral e a boa actuação dos artistas que têm obra válida a legar a este mundo de frivolidades e mentiras.

Destacava-se, dentre as suas muitas qualidades e virtudes, uma que aprecio especialmente e que o Mestre possuía em alta dose: o senso de humor. Sempre ele, cristãmente, via o lado risonho das pessoas e dos actos e o referia com uma graça toda iluminada por imagens de simpatia que se transformavam em quadros visíveis perante os nossos olhos admirados! Esse dom extraordinário, a sua bondade inabalável, a sua infinita paciência, a sua humildade puríssima, foram grandes, imensas lições que profundamente apreciei e que bem gostaria de ter conseguido aprender! Perdi, como o senhor, um inesquecível amigo. Não sei se Portugal sabe o que perdeu!».

Com tão belas e justas palavras encerro esta notícia.

Apenas lhes acrescentarei as da minha saudade.

O falecimento de Mestre Martins Barata transcende o âmbito dos CTT onde, durante 22 anos, exerceu as funções de Consultor Artístico; a Nação perdeu um dos seus grandes pintores dos últimos tempos.

Desenvolveu o seu talento num transcendente momento da história da pintura, quando variadas e antagónicas correntes se debatiam (e continuam a debater-se), experimentando novos rumos. Mas Martins Barata, não se desorientando com a força dominante de algumas dessas correntes, manteve a forma que melhor sentia (a sua forma) e, com serenidade, não optou pelo ajustamento forçado a qualquer outra que lhe garantisse fácil sucesso nos novos tempos.

A pintura mural foi a especialidade em que mais se notabilizou como grande mestre de vigoroso desenho e excelentes composição e colorido.

Proporciona-se-nos reproduzir *hors-texte* o fresco que pintou para o Palácio da Justiça de Fronteira e recordar, entre outros: os painéis que figuraram no Pavilhão de Lisboa, durante a Exposição do Mundo Português; os trípticos que ornamentam a escadaria nobre do Palácio da Assembleia Nacional e o átrio do Conservatório Nacional de Música; o painel do altar de Nossa Senhora de Fátima na Igreja de St.º Eugénio em Roma.

A sua acção no campo filatélico nacional, como compositor de selos de grande valor artístico, é sobejamente conhecida entre nós e não cabe agora fazer-lhe o elogio merecido.

Com a sobriedade e dignidade devidas ao ilustre falecido, sugerimos uns momentos de meditação na sua obra e nas suas elevadas virtudes como homem de grande carácter e de elevado nível cultural.



## Emissões desenhadas por Mestre MARTINS BARATA



1



3



2



4

1 — Centenários da Fundação e da Restauração de Portugal (1940); 2 — Caravela (1943); 3 e 4 — 2.º centenário do nascimento de Felix Avellãr Brotero (1944)



5



6



7



8



9



10



11



13



12

5/12 — Navegadores Portugueses (1945); 13. — 1.º Centenário da Escola Naval (1946)



14



15



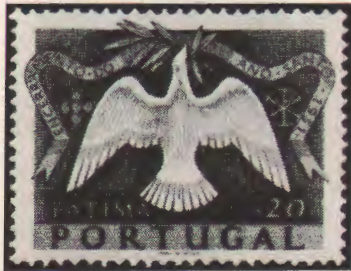
16



17



18



19



23



20



21



24



22

14—1.º Centenário do Banco de Portugal (1946); 15—3.º Centenário da Proclamação da Padroeira de Portugal (1946); 16—8.º Centenário da Tomada de Lisboa aos Mouros (1947); 17—Ano Santo (1950); 18—IV Centenário da Morte de S. João de Deus (1950); 19 e 20—Encerramento do Ano Santo (1951); 21—IV Centenário do Povoamento da Ilha Terceira (1951); 22—VIII Campeonato do Mundo de Hoquei em Patins (1952); 23—D. Dinis (1953); 24—5.º Centenário do Nascimento da Princesa Santa Joana (1953)



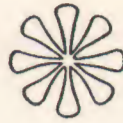
25



27



26



28



29



30



31

25 — Centenário do Selo Postal Português (1953); 26 — 150.º Aniversário da Fundação da Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda (1954); 27 — Dia da Mãe (1956); 28/31 — 5.º Centenário do Nascimento de Vasco da Gama (1969)